



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



Experiências na Educação Matemática vinculadas a surdocegueira

Heniane Passos Aleixo¹

Thaís Philipsen Grützmann²

Resumo do trabalho. O presente trabalho é o resumo da dissertação defendida em Novembro de 2018, no Programa de Pós- Graduação em Educação Matemática – PPGEMAT, intitulada *A construção do conceito de número por uma aluna com surdocegueira congênita*. A pesquisa tinha como objetivo investigar como uma aluna com surdocegueira congênita constrói o conceito de número. A aluna, sujeito desta pesquisa frequentava o 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Professor Alfredo Dub no município de Pelotas/RS, escola esta que tem uma proposta bilíngue para o ensino de alunos surdos e com surdocegueira. A aluna comunica-se por Libras em campo reduzido. O texto traz um breve relato sobre o surgimento da ideia da pesquisa. Assim como também aborda brevemente o histórico da surdocegueira no Brasil, assim como conceitos, classificações e profissionais que atuam na área. Após fala-se sobre a Matemática dos Anos Iniciais, assim como a forma de ensino para os alunos surdos e com surdocegueira. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa tendo como método o estudo de caso. Foram aplicadas 43 atividades dos sete processos mentais básicos propostos por Lorenzato. O registro das atividades foram através de vídeos, fotografias e o diário de campo da professora. Como resultado, a aluna realizou com sucesso as atividades de classificação, sequenciação, inclusão. Há flutuação nas respostas quanto às atividades de correspondência e comparação. E nas atividades de seriação e conservação não conseguiu realizá-las. Conclui-se que a aluna encontra-se em processo de construção do número.

Palavras-chave: construção do número; surdocegueira; educação matemática; matemática nos anos iniciais.

Introdução

O presente trabalho é um resumo da dissertação “A construção do conceito de número por uma aluna com surdocegueira congênita” defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT), pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pesquisa esta que surgiu das inquietações da autora sobre o processo de ensino-aprendizado de alunos com surdocegueira, a partir de suas experiências.

Em 2013 a autora lecionava na Escola Louis Braille no município de Pelotas/RS, atuando como professora da sala de apoio, onde realizava atendimento a alunos cegos e com baixa visão da rede regular de ensino assim como alunos da própria escola. Os alunos

¹ Escola Especial Professor Alfredo Dub, henianealeixo@gmail.com.

² Universidade Federal de Pelotas, thaissclmd2@gmail.com.



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



podiam começar este atendimento ao longo do ano. Em determinado dia foi iniciar o atendimento a uma nova aluna, porém surpreendeu-se ao descobrir que a menina, com apenas quatro anos na época, tinha surdocegueira. Várias dúvidas surgiram em relação a esta deficiência única, desconhecida até então. Pela idade a aluna não configurava público de atendimento de apoio escolar, mas como a mesma frequentava a Escola Especial Professor Alfredo Dub, escola de surdos que tem uma proposta bilíngue de ensino no município de Pelotas, a coordenação achou que uma estimulação da língua de sinais seria de grande valia para as aprendizagens da menina.

Conhecer essa aluna foi um marco, pois a partir daí a profissional começou a procurar eventos e cursos na área da surdocegueira para qualificação do seu trabalho. Junto à menina passaram por muitos desafios: período de adaptação, de reconhecimento, de construção de regras e limites, de afetividade, e atualmente, ainda há um trabalho específico e individual no seu atendimento.

Quando a menina foi transferida para a escola Professor Alfredo Dub começaram os atendimentos pela pesquisadora a ela uma vez por semana. Após este período, atuou como professora titular da sua turma por três anos consecutivos (nos 2º, 3º e 4º anos) onde pode acompanhar seu crescimento e desenvolvimento. Desta forma, foi possível observar suas dificuldades nas atividades relacionadas à Matemática, na maioria das vezes negando-se a realizar as tarefas propostas, colocando-se na defensiva em relação a estes conteúdos. A professora sentia dificuldade em auxiliá-la em alguns conteúdos matemáticos e também tentava entender de que forma se processava alguns conceitos para ela.

Sendo assim, surgiu o tema da pesquisa, em que a questão da dissertação se apresentou da seguinte forma: *Qual o nível de desenvolvimento das habilidades que a aluna apresenta em relação à construção do número?*, tendo a pesquisa como objetivo geral investigar a construção do conceito de número por uma aluna com surdocegueira congênita. A pesquisa se deu de forma qualitativa, tendo utilizado como método o estudo de caso, já que a escolha por um sujeito específico representa um interesse particular da autora. Desta forma, apresenta-se na sequência um breve histórico sobre a surdocegueira.



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA



Um breve relato sobre a surdocegueira

A professora especializada em deficiência visual, Nice Tonhozi Saraiva, conheceu em 1953 a famosa escritora e conferencista Helen Keller, que esteve em visita no país. Este encontro foi decisivo para que a professora Nice estabelecesse o objetivo de iniciar a educação das pessoas com surdocegueira. Então, os registros da história da surdocegueira no Brasil surgem por volta da década de 1960. A partir desta data foram registradas diversas movimentações a fim de estabelecer um local adequado às necessidades desse público. Foram realizados diversos eventos e começaram a serem criadas diversas instituições com o objetivo de reabilitação de pessoas com surdocegueira, sendo que as instituições ainda existentes estão localizadas em São Paulo.

A autora é representante do Grupo Brasil no estado do Rio Grande do Sul, grupo este formado por familiares, profissionais e pessoas com surdocegueira de todo país que tem como principal interesse a divulgação da surdocegueira, para que os sujeitos com essa deficiência única possam ter seus direitos respeitados, assim como informar, capacitar, conscientizar e implantar serviços visando tornar acessível suas vidas em sociedade. Em 2017, integrantes deste grupo estiveram reunidos em São Paulo, onde foram expostos diversos temas e, também, foi modificada a definição da surdocegueira, desta vez pautada nas exigências da Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF), tendo sido definida da seguinte forma:

Surdocegueira é uma deficiência única que apresenta perdas auditiva e visual concomitantemente, em diferentes graus, o que pode limitar a atividade da pessoa com surdocegueira e restringir sua participação em situações do cotidiano, cabendo à sociedade garantir-lhe diferentes formas de comunicação e Tecnologia Assistiva para que ela possa interagir com o meio social e o meio ambiente promovendo: acessibilidade, mobilidade urbana e uma vida social com qualidade. (GRUPO BRASIL, 2017).

A pessoa com surdocegueira tem dificuldades em estabelecer relação com o mundo e compreender o que ocorre a sua volta, desta forma percebe-se a complexidade desta deficiência. Segundo Cambuzzi e Costa (2016, p. 16), “[...] podemos compreender também a surdocegueira, que se constitui em uma deficiência única e não a somatória de



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



duas deficiências sensoriais – auditiva e visual –, tampouco a junção de duas metodologias para o seu ensino: uma para surdo e outra para cego”.

Contextualizando o sujeito com surdocegueira, ele pode apresentar-se das seguintes formas, conforme Maia (2004): pessoa com baixa visão e surdez, pessoa cega com deficiência auditiva, pessoa com baixa visão e deficiência auditiva, pessoa sem resto visual e auditivo. Mônaco (2004 *apud* WATANABE, 2017, p. 47) ainda destaca que além das classificações apresentadas a pessoa pode ter a surdocegueira *plus*, ou seja, quando tem alguma destas características com outra deficiência associada.

A surdocegueira pode ser congênita ou adquirida. Ela é congênita quando o indivíduo nasce com ela, ou a adquire antes de ter uma língua formal, seja ela oral ou sinalizada; ela necessita de um atendimento especializado que contemple suas necessidades de comunicação e interação com o mundo. E ela é adquirida quando o indivíduo a adquire após já ser usuário de uma língua oral ou sinalizada, sendo capaz de escolher sua nova forma de comunicação, que melhor se adequa a sua situação. As causas da surdocegueira podem ser hereditárias, pré-natais, complicações no parto e pós-natais e pode ser causada a partir de síndromes como: Usher, Down, Rubéola Congênita, Charge, Waanderburg, entre outras.

Para o atendimento especializado que as pessoas com surdocegueira necessitam há dois profissionais: Guia-intérprete, que tem a função de guiar, interpretar e descrever ambientes, fatos e pessoas, sendo o responsável por atuar com a pessoa com surdocegueira adquirida; e o instrutor-mediador, profissional que oferece informações, auxilia no desenvolvimento de conceitos, domina diversas formas de comunicação, atuando com as pessoas com surdocegueira congênita. Estes profissionais têm como objetivos principais favorecer a comunicação e a independência destes sujeitos.

A aluna, sujeito desta pesquisa, tem surdocegueira congênita proveniente da rubéola que sua mãe adquiriu na sua gravidez. Tem baixa visão e surdez, sendo esta uma das formas com que a surdocegueira se apresenta. Ela comunica-se por Libras em campo



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



reduzido, ou seja, a língua de sinais é realizada em um campo espacial menor e a distância é ajustada conforme a necessidade da aluna.

Um pouco sobre a Matemática nos Anos Iniciais

É possível perceber que a Matemática faz parte do nosso cotidiano e a encontramos em diversos espaços, seja dentro ou fora de sala de aula. Mas, muitas vezes, ela não é atraente para os alunos da forma que é apresentada em aula, sendo trabalhada de forma mecânica e não desenvolvendo todo potencial possível. Curi (2015) diz que apesar das tentativas, o ensino da Matemática ainda é mecanizado e centrado em fórmulas, repassado por professores de forma maçante a alunos indiferentes. O maior objetivo do ensino da Matemática seria ajudar a resolver os problemas do cotidiano, esse que contribuiria e estimularia o desenvolvimento do pensamento lógico, mas o ensino da Matemática ainda está centrado na memorização de fórmulas e estratégias para resolução das atividades.

O ensino da Matemática nos anos iniciais tem sido centrado em uma nova perspectiva, a Alfabetização Matemática, apesar de este conceito já ser utilizando desde os anos de 1990. Danyluk (2002, p. 20) diz que “[...] ser alfabetizado em matemática, então, é compreender o que se lê e escrever o que se compreende a respeito das primeiras noções de lógica, de aritmética e de geometria”. Desta forma é possível compreender que a alfabetização não é somente ler e escrever, ela faz parte de um processo inicial de conhecimento dos conteúdos escolares, sendo que saber fazer a leitura e a escrita das primeiras noções matemáticas também fazem parte deste processo de alfabetização. Ou seja, “a pessoa alfabetizada é aquela capaz de ler e escrever em diferentes situações sociais, de tal forma que isso lhe permita inserir-se e participar ativamente de um mundo letrado, enfrentando os desafios e demandas sociais” (BRASIL, 2014, p. 10).

É importante que os conteúdos escolares não sejam somente apresentados aos alunos, mas sim que sejam construídos os conceitos matemáticos de forma significativa, sendo o professor o mediador entre o conhecimento acadêmico e os alunos. É igualmente importante que ele seja criativo e saiba fomentar o interesse pelo conhecimento, diversificando sua prática, na qual possa utilizar recursos para o ensino da Matemática,



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



sendo que existe uma diversidade de recursos didáticos que podem ser oferecido aos alunos, pois os materiais concretos ou manipuláveis auxiliam na construção das noções matemáticas.

Cada aluno é diferente, por isso é preciso que ele seja visto nos seus diferentes estilos de aprendizagem, que sejam respeitadas suas diferenças, que torne a aprendizagem acessível de forma igualitária para todos. Seguindo o conceito do Desenho Universal da Aprendizagem (DUA), Maia, Ikonomidis e Mesquista (2018, p. 3) entendem que “[...] um conjunto de princípios para o desenvolvimento de currículos que dão a todos os indivíduos igualdade de oportunidades para aprender”. Seguindo este princípio o DUA apresenta três redes de aprendizagem, sendo elas: 1) Rede de conhecimento: o que aprender; 2) Rede Estratégica: como aprender; e 3) Rede afetiva: por que aprender. Sendo necessário entender estas diferenças e respeitar o desenvolvimento dos alunos, criando condições para que eles aprendam, Ramos (2009, p. 10) diz que “[...] a criança aprende brincando, apoiada na sua realidade, interesse e maturação. Descobre, constrói, observa, reinventa, mas precisa experimentar, mexer, pegar, montar, sentir [...]”.

Ao ingressar na escola, as crianças trazem consigo alguns conceitos informais relacionados à aprendizagem de alguns conceitos matemáticos, pois acompanham e observam seus familiares em atividades cotidianas em que realizam cálculos, cumprem horários, realizam diversas medidas, sendo estas as primeiras aprendizagens destes alunos. No ambiente escolar antes do aluno ser capaz de fazer comparações entre número/numeral, realizar cálculos e aprender conceitos mais complexos da Matemática, faz-se necessário que tenha conhecimento de conceitos básicos. Para isso o professor deve estar preparado para oportunizar situações em que as crianças sejam capazes de explorar os princípios básicos da Matemática, sendo importante conhecerem os sete processos mentais básicos para a aprendizagem da Matemática, baseado em Lorenzato (2006), que são: correspondência, comparação, classificação, sequenciação, seriação, inclusão e conservação. Ainda, Lorenzato (2006) diz que a construção do conceito de número é um processo longo e complexo, diferente do que se pensava anteriormente, em que somente o



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



reconhecimento dos numerais se fazia necessário. Mas o fato da criança saber ordenar do um ao nove não significa que entenda o real significado do número.

Ao pensar na diferença cultural e realidade social de cada um, faz-se necessário falar rapidamente sobre a Educação de Surdos, já que a educação das pessoas com surdocegueira sempre esteve muito próxima desta. Na maioria das vezes o processo de inserção escolar do aluno surdo dá-se de forma complexa, já que o aluno tem que aprender concomitantemente, a língua de sinais, sua língua natural, e os conteúdos escolares, causando um atraso no desenvolvimento destes alunos em decorrência de uma inclusão tardia na escola bilíngue, pois, sabe-se que quanto mais cedo a criança tiver contato com experiências diferentes, com sua língua e interagindo com seus pares, maior será seu desenvolvimento ao longo da vida. Por exemplo,

As crianças surdas têm um atraso no desenvolvimento dos conceitos de dinheiro em comparação com a mesma idade com crianças ouvintes. Este atraso pode ser devido ao fato de que crianças ouvintes podem ir às lojas e comprar as coisas por conta própria, ao passo que as crianças surdas são menos propensas a fazê-lo por causa das dificuldades que podem enfrentar ao tentar se comunicar com os vendedores. Isso colocaria as crianças surdas em desvantagem e outras oportunidades de aprendizagem devem ser criadas para substituir aquelas perdidas na vida cotidiana (NUNES, 2004, *apud* VIANA; BARRETO, 2014, p. 40).

Desta forma é possível pensar que o atraso dos alunos surdos se dá em decorrência do contato com sua língua de forma tardia, assim como a falta de conhecimento da sociedade sobre a Língua Brasileira de Sinais. Já que a comunicação dos sujeitos surdos se dá de maneira viso-espacial o ensino para estes mesmos sujeitos poderiam privilegiar os recursos visuais para a aprendizagem de conteúdos matemáticos, assim como a utilização de materiais concretos, a fim de facilitar a aprendizagem e o desenvolvimento dos conceitos abstratos.

No ensino às pessoas com surdocegueira, é necessário pensar em uma aprendizagem diferenciada em relação aos alunos surdos, já que esta não se beneficia com os recursos visuais, tão necessários a educação de surdos. É imprescindível pensar em estratégias de ensino, que respeitem suas necessidades, apostando em suas habilidades e potencialidades, permitindo a vivência de propostas significativas. Pois a pessoa com



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



surdocegueira vive uma condição única e faz-se necessário desenvolver diversas habilidades oportunizando a autonomia para inserir-se no mundo.

A aluna com surdocegueira congênita, sujeito desta pesquisa demonstra ter dificuldade na aprendizagem de Matemática, e foi no acompanhamento desta aluna, que surgiram as questões levantadas para este estudo, pois se acredita que com a criação de um conjunto de medidas, pode auxiliar a aluna na aprendizagem dos conceitos matemáticos de uma forma mais compreensível e significativa.

Metodologia da pesquisa e conjunto das atividades

A proposta para realização da pesquisa teve uma abordagem qualitativa, tendo como método o estudo de caso. Os dados foram coletados por meio de registros fotográficos e vídeos, a análise dos dados foi realizada pela análise de vídeo, seguindo os passos de Powell, Francisco e Maher (2004). Sendo este modelo escolhido pelo fato da aluna se utilizar para comunicação a Libras, uma língua viso-espacial e por poder registrar passo a passo todos os momentos da aluna, já que o uso do vídeo permite uma melhor análise dos dados. Além deste, foi utilizado o diário de campo da pesquisadora.

Foram aplicadas 43 atividades a partir dos sete processos mentais básicos da construção do número propostos por Lorenzato (2006), sendo adaptadas para as especificidades da aluna. As atividades foram realizadas em dois locais específicos, sendo em alguns momentos na sala de estimulação sensorial, onde a aluna recebe atendimento individual, e em outros momentos, em sala de aula, na turma do 4º ano. As atividades foram realizadas em 12 encontros ocorridos entre os turnos da manhã e tarde, num total de 61 vídeos com 4 horas e 58 minutos de duração.

Resultados

Para responder a questão da pesquisa *Qual o nível de desenvolvimento das habilidades que a aluna apresenta em relação a construção do número?* foram utilizados como fundamentação teórica e análise dos dados Kamii e Housman (2002), Kamii (2012),



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



Lorenzato (2006), Ramos (2009) e os Cadernos do PNAIC de Alfabetização Matemática, de 2014.

Todo material utilizado na pesquisa foi adaptado para atender as necessidades da aluna tornando viável sua relação com o objeto e conteúdo, oportunizando uma maior interação com os materiais oferecidos, assim como tornando acessível sua relação com os conhecimentos escolares. A aluna é criativa, mostrando ter interesses peculiares, mas quando eram apresentados conteúdos relacionados a Matemática mostrava desinteresse. Após a aplicação das atividades a aluna passou a demonstrar maior interesse e motivação pela disciplina.

O compromisso do professor não é somente a adaptação de materiais, mas tem a ver com o compromisso com este aluno, repensando suas práticas, no dia a dia. Esta pesquisa mostrou que os processos mentais trabalhados com uma aluna com surdocegueira podem (e devem) ser oportunizados a todos os grupos de crianças, pois desta forma podem oferecer uma base mais fortalecida para a compreensão de conteúdos mais complexos.

Os dados coletados e analisados trouxeram algumas questões construídas pela aluna a partir de atividades propostas, na realização das atividades a aluna mostrou-se resistente, negando-se em muitos momentos a realiza-las, demonstrando em diversos momentos a dependência da aprovação da professora. Apesar disto a aluna realizou todas as atividades. Para fins de resultado da análise das atividades foi possível dizer que a aluna realizou com sucesso as atividades de classificação, sequenciação, inclusão. Há flutuação nas respostas da aluna quanto às atividades de correspondência e comparação. E nas atividades de seriação e conservação não conseguiu realizá-las. É possível concluir que a aluna encontra-se em processo de construção do número, devido aos processos mentais que já foram construídos.

Considerações parciais e futuras

Esse estudo é uma pequena contribuição num extenso campo como a Educação Matemática e a Educação Especial, mas sugere-se que a partir deste trabalho tantos outros estudos possam ser desenvolvidos na área da Educação Matemática com pessoas com surdocegueira, visto que para fins do estado do conhecimento, o qual buscou pesquisas



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



relacionadas a estas duas áreas, somente uma dissertação foi encontrada, sendo que ela tinha foco no ensino da Geometria Plana para uma aluna com surdocegueira do 9º ano do Ensino Fundamental.

Acredita-se que os resultados desta pesquisa poderão ajudar professores e diversos profissionais que atuam com os alunos com surdocegueira a vislumbrar possibilidades no ensino da Matemática, acreditando na potencialidade de cada aluno, assim como, estimular outros profissionais ou pesquisadores a estudar este assunto criando um repositório sobre o tema.

Tendo minha formação em Pedagogia, após realizar o mestrado em Educação Matemática e levar os conhecimentos obtidos nas leituras e discussões de aula para dentro do ambiente escolar, pude perceber o quão falha foi minha formação e o quanto há ainda para aprender. O estudo destas duas áreas representaram uma importante mudança na minhas concepções, mostrando-me a todo momento que finalmente havia encontrado um caminho de estudos e pesquisas.

Ao participar de diversos eventos, pude também perceber o quanto falta para que os professores de Matemática possam perceber que seus alunos são únicos, e que as formas de aprendizagem podem se dar de diversas maneiras, e que quando há um professor que tenha um olhar sensível para estas singularidades, o aluno pode ser beneficiado em todos os sentidos, não somente nos escolares, mostrando o quanto são capazes de alcançar desde que sejam dadas as devidas oportunidades.

Para tanto, após o término do mestrado, sinto-me instigada a continuar envolvida nas questões da área da Matemática e da surdocegueira, sendo assim coloco-me a disposição para receber sugestões quanto a uma possível pesquisa para o doutorado envolvendo estas duas áreas.

Referências

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Apresentação. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília: 2014.

CAMBRUZZI, Rita de Cássia Silveira; COSTA, Maria da Piedade Resende da. **Surdocegueira por síndrome de Usher**: Recursos pedagógicos acessíveis. São Carlos: EdUFSCAR, 2016.



I ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATEMÁTICA INCLUSIVA



CURI, Edda. **Matemática para crianças pequenas**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015.

DANYLUK, Ocsana. **Alfabetização matemática**: as primeiras manifestações da escrita infantil. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

GRUPO BRASIL. Reunião dias 16 e 17 de novembro de 2017.

KAMII, Constance. **Crianças pequenas reinventam a aritmética**: implicações da teoria de Piaget. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KAMII, Constance. **A criança e o número**: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos. 39. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LORENZATO, Sergio. **Educação Infantil e percepções matemática**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MAIA, Shirley Rodrigues. **A educação do surdocego**: diretrizes básicas para pessoas não especializadas. 2004. 93 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

MAIA, Shirley Rodrigues; IKONOMIDIS, Vula Maria; MESQUITA, Sandra R. S. H. **Desenho Universal para a aprendizagem**. Apostila para o Curso de Educação Infantil. Projeto Ahimsa/Lavelle, São Paulo, 2018. 7p.

POWELL, Arthur B; FRANCISCO, John M; MACHER, Carolyn A. Uma abordagem à análise de dados de vídeo para investigar o desenvolvimento das ideias matemáticas e do raciocínio de estudantes. **Bolema**, Rio Claro, SP, v. 17, n. 21, maio 2004.

RAMOS, Luzia Faraco. **Conversas sobre números, ações e operações**: uma proposta criativa para o ensino da matemática nos primeiros anos. São Paulo: Ática, 2009.

WATANABE, Dalva Rosa. **O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-13062017-112304/>. Acesso em: 03 set. 2019.